



Ano 149.º de informação
de qualidade

Editorial

Negócio da saúde merece total vigilância

A Entidade Reguladora da Saúde (ERS) mostra estar atenta ao emitir um alerta sobre a compra de cartões de saúde e esclarecer as diferenças relativamente aos seguros. É que com o aumento das taxas moderadoras no Serviço Nacional de Saúde é crescente o número de portugueses que procura alternativas e se vê submetido a propostas mais ou menos aliciantes por parte de entidades privadas. Percebe-se que é um mercado em crescimento, o que é afirmado pelas próprias empresas do sector, mesmo que faltem as estatísticas.

Também a Deco se mostra preocupada com a confusão que está a ser feita entre cartões e seguros de saúde, os primeiros menos restritivos em termos de acesso e mais baratos, mas com direito sobretudo a descontos, os segundos com limitações de subscrição e mais dispendiosos, mas com garantia de certos serviços. A associação de defesa dos consumidores acusa até certas entidades de passarem a mensagem de serem seguros de saúde, quando na realidade vendem cartões. E a ERS afirma mesmo que há empresas a prestar informação incorreta. Por seu lado, o bastonário dos Médicos Dentistas, Orlando Monteiro da Silva, queixa-se de que há quem esteja a vender "gato por lebre", o que causa conflito entre os pacientes e as clínicas, pois o entendimento de uns e outros sobre os serviços é abissal. Os dentistas estão na linha da frente.

Apesar dos grandes progressos que Portugal deve ao seu Serviço Nacional de Saúde, com reconhecida qualidade em muitas áreas, é natural que exista também espaço para a iniciativa privada. E numa época de racionalização dos gastos públicos, com aumento das taxas moderadoras, é razoável que haja empresas a aproveitar a oportunidade de negócio. Mas em caso algum a sociedade civil, através da Deco, e sobretudo o Estado, através da ERS e não só, devem deixar de vigiar para que os mais elevados padrões de qualidade sejam respeitados. É que com a saúde dos portugueses (e não só) não se brinca.

Boas e más novas

A conferência de imprensa no final do Conselho de Ministros de ontem foi o espelho daquilo que o Governo é. Uma coligação sempre periclitante entre PSD e CDS, com os centristas a tentarem insistentemente não ficar colados à austeridade. Paulo Portas falou no *briefing* aos jornalistas. E de quê? De apoio fiscal a dez novos investimentos, que vão garantir postos de trabalho e gerar outros novos. As boas novas do ministro de Estado contrastaram com as palavras do secretário de Estado adjunto Carlos Moedas. Que falou do quê? Do tal famigerado corte de 4 mil milhões de euros na despesa do Estado e insistiu que será mesmo para apresentar à *troika* no final do mês. Más novas que Portas não quis assumir nem fora nem dentro do Governo. Foi ele que se bateu junto dos pares por um corte mais progressivo, ao longo de três anos e não de dois, como está previsto. Mas Vítor Gaspar continua imune às pressões do parceiro de coligação e quer mesmo cumprir o acordo que assumiu com a *troika* já na 7.ª avaliação, que começa no dia 25 deste mês. A Portas só lhe resta manter o jogo de cintura para tentar passar incólume aos custos das medidas de austeridade que vão atingir em cheio o seu próprio eleitorado.